



## Fronteiras entre o sujeito e o poder

Jorge Reitter

Tradução: Leda Herrmann

Fronteiras é o significante proposto para este congresso. Entre todas as opções consideradas, resolvi por abordar algo sobre as fronteiras entre o sujeito e o poder. O próprio desenvolvimento de meu pensamento e das minhas inquietações me levam a tomar em consideração essa fronteira. Na psicanálise que conheço, a dimensão do poder na produção de subjetividades está pouco considerada. Pelo menos a dimensão de poder que estou tratando de tratar agora: uma que escape do que Deleuze e Guattari chamaram familiarismo. Digamos que quando proponho pensar a fronteira entre sujeito e poder, *não* estou pensando o poder em termos de Lei, pai ou proibição do incesto. Ou melhor dizendo, estou pensando que esses termos são apenas elementos de uma estratégia muito mais ampla. Em outros termos, estou tratando de não pensar os pais como *entes soberanos*. Não estou seguindo o que Michel Foucault denomina concepção jurídica do poder, nem da ideia de opressores versus oprimidos. Penso o poder de um modo relacional e em rede: entrecruzamentos de poder em que há diferenças de poder, não havendo ninguém que em alguma medida não exerça poder, e não há ninguém que se situe de fora das relações de poder.

Isso para o sentido do poder. Ao que vou chamar sujeito? Em primeiro lugar, chamo sujeito, ao que fala, *na experiência de análise*. O que toma a palavra. E, na medida em que a toma, vê-se necessariamente ante a possibilidade das palavras esgotarem qualquer significação.

Isto implica duas consequências muito importantes: não se pode esgotar a significação nem de uma identidade (sou isto), nem de algum desejo (desejo isto). Também poderia dizer que no uso que faço da palavra, sujeito é quem deseja (o que está “em falta”) e o que não se constitui a si mesmo, o que nunca é *cusa sui*. É sujeito a partir do outro. Um psicanalista é quem está na busca desse sujeito, que não é dado imediatamente, mas que emerge ao preço mínimo da angústia e da tristeza. Obviamente estou deixando muito de lado, mas é o suficiente para o que proponho neste escrito.



Chego a perguntar-me sobre essa fronteira – sujeito e poder –, a partir e de minha tentativa de decifrar porque as psicanálises, ao longo de sua história e até o presente, têm dificuldades para atender em suas práticas as sexualidades não heterogênicas. Assim iniciei um longo percurso por muitos autores, muito distintos, mas que, de modo mais ou menos explícito, têm em comum dar voz a essas sexualidades não heterogênicas. Não se trata de um detalhe menor, se tivermos em conta que a primeira definição de sujeito que me ocorreu é “aquele que toma a palavra”. Na história e na teoria psicanalítica, desde o início, falou-se das sexualidades dissidentes, mas não se lhes deu a palavra. Não me canso de dizer: todo meu trabalho dos últimos anos é uma tentativa de fazer escutar, no campo psicanalítico, as vozes das sexualidades dissidentes, vozes que, de formas mais ou menos veladas, foram silenciadas *entre nous*.

Porque isso acontece, sendo escutar a vocação dos psicanalistas? Esta é uma das perguntas fortes que orientou meu roteiro em busca de respostas. E, nesse roteiro, encontrei-me com a questão do poder. Bom, para ser mais preciso, já me havia encontrado muitíssimas vezes com questão do poder, permanentemente, como todo mundo. Encontrei-a cada vez que, desde muito pequeno, meu pai me dizia “não seja *bicha*”, ou quando meus professores de ginástica maltratavam-me porque não me encaixava suficientemente na masculinidade hegemônica. Claro, porém, que uma coisa é estar envolvido em relações de poder, e outra, muito distinta, é poder pensá-las, nomeá-las. E, alterá-las, a partir do pensar e do falar.

A partir dessas leituras fui percebendo a enorme importância das relações de poder *como produtoras de subjetividades*. Vou tentar explicar o que quero dizer com isso. Em nossa busca do sujeito estamos convidando o analisando que fale, que escolha, e finalmente que perca o medo dos atos. Pelo menos essa é minha versão. Mas o que esse sujeito pode dizer, o que pode escolher, os atos que pode realizar, tudo está enormemente condicionado. No campo que chamamos sexualidade, isso é menos notável quando se trata de sujeitos ditos heterossexuais, porque seus desejos e escolhas não se chocam tanto com as relações de poder. Mas no caso das pessoas não heterogênicas é muito importante ter isso em conta, pois, de outra forma, corremos o risco de não poder ler corretamente o que está em jogo, e é muito mais fácil cair no que em meu livro chamo “psicologizar”. Quer dizer, atribuir ao sujeito o que corresponde às relações de poder. Finalmente, pergunto-me por algo que não é muito tratado no campo da psicanálise: pelos limites da liberdade do sujeito.

O tema da liberdade do sujeito aparece sub-repticiamente quando falamos de escolha e desejo, já que só há sentido em fazer uma escolha se ela é, em alguma



medida, uma escolha livre. Mas isso não esgota a questão da liberdade, uma vez que exercê-la requer tanto condições subjetivas como objetivas.

Dado que não contamos com muito tempo, mas também porque prefiro sempre mostrar como essas questões operam na vida das pessoas, vou lançar mão de um exemplo para mostrar como operam os mecanismos de poder produzindo subjetividades. Houve um tempo, não tão distante, em que os assim chamados homossexuais contavam com poucos espaços possíveis de sociabilidade. Uma dessas escassas possibilidades eram os encontros sexuais furtivos em alguns banheiros públicos<sup>1</sup>. O espaço assim habitado é conhecido como “bules de chá”. Como era a “psicologia” desses homossexuais? Eram inclinados a encontros exclusivamente sexuais? Tinham um gosto particular pelos lugares abjetos, como os banheiros públicos frequentemente sujos e malcheirosos? Preferiam evitar as relações sexo-afetivas estáveis, mantendo encontros sexuais e furtivos? Gostavam de brincar com o sempre presente risco de serem detidos pela polícia? Tinham um gosto especial por desafiar a Lei? Encarar a questão por qualquer um desses modos é fazer o que chamo “psicologizar”. Isto é, converter em características “psicológicas” o que é efeito puro das relações de poder. Se os assim chamados homossexuais organizavam-se para ter furtivos encontros sexuais, em lugares abjetos, é porque não tinham à disposição nenhum dos modos e circuitos existentes para a sexualidade heterossexual: a homossexualidade estava completamente silenciada, não havia possibilidade de mostrá-la no seu bairro, em locais de trabalhos, em festas, no clube, no colégio. Sem falarmos das partidas de futebol ou do exército, por exemplo. E se a homossexualidade se mostrava, ou se a se “cheirasse”, era objeto de injúria e hostilidade. Havia muito poucos lugares (bares, festas) onde fosse possível reunirem-se pessoas homossexuais. Tão pouco havia nas mídias ou nas artes representações massivas de pessoas homossexuais, a não ser como burlescas. Quer dizer, nesse mundo, não tão distante, os assim chamados homossexuais não tinham lugar próprio reconhecido pela sociedade, restando-lhes apenas a possibilidade de apropriar-se à força de um lugar, literalmente de merda, abjeto, sujo, perigoso, mas um dos poucos disponíveis para o que se propunham: encontros sexuais furtivos. Lugares disponíveis, até certo ponto, porque era tal a violência que nem aí os deixavam em paz, nesse lugar apropriado para o assédio e a extorsão por parte de policiais. A mesma lógica das relações de poder designou aos assim chamados homossexuais uma cultura eminentemente sexual. Não se tratava de nada que estivesse inscrito na psicologia de sujeito nenhum. Era fácil atribuir a esses sujeitos um gosto mórbido pelo abjeto, mas difícil era admitir que esse gosto, que supostamente

---

<sup>1</sup> A extensão requerida para este trabalho impede-me de fazer distinções mais apuradas.



**FRONTERAS**  
**33º CONGRESO**  
**LATINOAMERICANO**  
**DE PSICOANALISIS**

**PRIMER CONGRESO**  
**VIRTUAL FEPAL 2020**

**OCTUBRE**  
**2020**



se desenvolveu, era efeito forçoso de algo que muito transcendia a psicologia de cada pessoa em particular. Para o bem ou para o mal, a libido tem essa capacidade de investir em tudo, inclusive (especialmente) o mais horroroso e o mais traumático. São mecanismos de sobrevivência.

Esses lugares abjetos e sujos convertiam-se, por momentos, em espaços de disfrute e liberdade. Curioso, ou melhor, compreensivelmente, os imundos banheiros dos campos de concentração nazistas foram muitas vezes, também, o único lugar de liberdade.

Creio que tomar em consideração esse efeito produtor de subjetividades dos mecanismos de poder nos permite ser cada vez melhores psicanalistas.

Muito obrigado.